

# *A opinião pública na Rússia*

---

---

**Elena Bashkirova**

ROMIR - Russian Public Opinion and Market Research

**Andrei Melville**

Moscow State Institute of International Relations

---

---

## **Resumo**

Este artigo analisa a opinião pública russa durante o período entre as eleições de 1993 e 1996, no sentido de compreender a natureza das mudanças políticas atuais. No quadro global, pode-se observar que os russos são centristas em suas orientações: no campo da economia, não aderem a posições extremas, tanto o monetarismo quanto o intervencionismo, e apóiam o ideal de uma economia mista; no campo da política, não confiam nos “democratas”, mas não apóiam a ditadura. Antes, seu objetivo é a obtenção da liberdade individual sem o sacrifício das garantias sociais.

**Palavras-chave:** opinião pública; transição política; eleições russas; comunismo; democracia

## **Abstract**

This article analyses the Russian public opinion during the period between the 1993 and the 1996 elections, in order to understand the nature of the political changes that are occurring in Russia. Overall, one can observe that the Russians are centrist in their orientations: in the field of economics, they do not favour the extremist positions, either monetarism or interventionism; they support the ideal of a mixed economy; in the field of politics, they do not trust in “democrats”, but do not support dictatorship. Their goal is rather gaining individual freedom without sacrificing social guarantees.

**Keywords:** public opinion; political transition; Russian elections; communism; democracy

No discurso presidencial de 1995, Boris Yeltsin lembrou ao povo russo que três anos antes eles haviam feito uma escolha pela democracia e por reformas de mercado. Confirmou também que o país e sua liderança se manteriam neste rumo. Entretanto, estas afirmações entraram em confronto com algumas realidades desagradáveis: reforma econômica derrapantes, ataques de vários lugares contra as frágeis instituições democráticas, ampla corrupção entre as elites e um estado de anomia social. De fato, a euforia geral depois da derrota do golpe comunista em agosto de 1991, e as ilusões de uma transição rápida e não linear para as reformas no mercado e a democracia foram, logo depois que surgiram, minadas pelos resultados devastadores da terapia de choque econômica de 1992 e pela atordoante derrota dos democratas durante as eleições de dezembro de 1993.

Os resultados destas primeiras eleições parlamentares pós-soviéticas e pós-comunistas na Federação Russa chocaram cidadãos, políticos e analistas políticos russos, e foram ainda mais importantes porque, diferente do que ocorrera nas décadas do passado soviético, a opinião pública tem agora um papel no país e, de fato, influencia a política russa. Os resultados destas eleições indicam claramente uma profunda desilusão pública com a maneira pela qual o país é governado e pela qual as reformas têm sido implementadas.

Sobre os resultados das eleições de dezembro de 1993, um número de analistas tanto na Rússia como no ocidente argumentaram que estes revelam (ou confirmam) a existência de um apoio sólido a políticas anti-reformistas e mesmo a tendências conservadoras, autoritárias e nacionalistas no público russo. Enquanto alguns comentaristas encontraram atitudes pró-reformistas, pró-mercado e pró-democracia (HAHN, 1991; DUCH, 1993; GIBSON; DUCH, 1993), outros analisaram dados contrastantes que demonstram opiniões que são anti-mercado, anti-liberais e anti-ocidentais (WHITEFIELD; EVANS, 1994).

Dadas estas interpretações conflitantes é importante analisar a opinião pública durante o período entre eleições para compreender fundamentalmente a natureza das mudanças políticas que estão ocorrendo na Rússia atualmente. Há dados úteis produzidos pelo Russian Public Opinion and Market Research, Ltd (ROMIR), um instituto independente de pesquisa de opinião com base em Moscou, pelos surveys do Eurobarômetro e pelos projetos da Universidade do Iowa realizados entre 1992 e 1995.

### **O cenário político da Rússia**

A profunda crise política de setembro e outubro de 1993, que culminou na destruição do Soviete Supremo e foi seguida pelas eleições de dezembro do mesmo ano marcam o início de um novo estágio na história política atual da Rússia pós-soviética e pós-comunista. Alguns se referem a este novo estágio como um período

de “segunda estagnação”, um interlúdio em que os mesmos atores políticos ainda estão no palco histórico mas os problemas originais se foram, e as platéias estão esperando que um novo ato desta peça histórica comece (SHEINIS, 1994). O novo ato pode começar com as próximas eleições parlamentares e presidenciais. Ganhar cadeiras no Parlamento e garantir a presidência pós-Yeltsin são os prêmios que motivam as ações das principais forças políticas na Rússia hoje, e mesmo a guerra sangrenta na Chechenia passou a ser percebida pelo prisma das eleições futuras.

Para compreender esta nova situação é necessário observar o caráter específico das eleições russas de 1993 que revelaram diferenças significativas entre a lógica do desenvolvimento político da Rússia pós-soviética e o de outras partes do mundo, não apenas do sul da Europa ou da América Latina (TERRY, 1993), mas também de nações pós-comunistas da Europa do Leste. Nas transições democráticas da América Latina e do Sul da Europa (O'DONNELL; SCHMITTER, 1986) e da Europa do Leste (MCFAUL, 1994) o ato final da queda do sistema autoritário usualmente culminou quase imediatamente nas assim chamadas “eleições fundadoras”, ou seja, eleições livres e democráticas que levaram ao poder reformistas liberais dando-lhes maioria parlamentar. No entanto, na maioria dos casos o triunfo inicial dos reformistas liberais foi apenas temporário, já que a própria natureza das dolorosas reformas econômicas instituídas gerou profunda insatisfação e oposição públicas. Como consequência, “segundo” round de eleições foi geralmente desfavorável para aqueles que iniciaram as reformas, levando ao poder as forças políticas mais conservadoras.

Na Rússia os estágios da transição democrática foram bem diversos, uma vez que Yeltsin deliberadamente decidiu não realizou as primeiras eleições (fundadoras) imediatamente após a queda do sistema soviético em agosto de 1991, preferindo continuar a confiar em seu carisma pessoal do que em uma maioria parlamentar de democratas e reformistas liberais. Em vez disso, o governo impôs reformas liberais na esfera econômica para a população, sem ter apoio parlamentar adequado. O resultado foi não apenas uma crescente oposição do público (como ocorreu em outras transições) mas também um confronto agudo com o velho parlamento herdado do passado soviético. Por isso as eleições de dezembro de 1993 foram apenas formal e cronologicamente as “primeiras” e as “fundadoras” enquanto que, sob a lógica da transição, elas foram de fato as “segundas”, ou seja, aquelas em que as reformas e os reformistas já estavam em uma situação desfavorável enfrentando uma crescente oposição do público.

Nesta perspectiva, os resultados das eleições de dezembro de 1993 são menos surpreendentes. Além disso, a divisão tradicional entre os democratas e os anti-democratas (a oposição vermelho-marrom) que até recentemente se mostraram uma bússola confiável para ler o mapa da política russa, agora parecem

iluminar o mapa do passado em vez daquele do presente. Hoje, o cenário político russo, é ao mesmo tempo, mais erodido e mais multicolorido.

O contexto destes eventos sugere que o que ocorreu na Rússia desde agosto de 1991 deveria ser visto não como uma ruptura radical com o passado soviético e comunista, mas como um complexo processo de metamorfose do antigo sistema (SHEVTSOVA, 1995). Elementos da velha e da nova ordem coexistem lado a lado na economia e no sistema político russos, geralmente criando amálgamas e híbridos peculiares. Em termos práticos isso significa, politicamente, a preservação da antiga oligarquia dominante com uma pitada de novos “democratas” e, economicamente, a continuação da estrutura monopolista da antiga economia soviética com uma fragmentação nos centros de poder e de influência. Com formas apenas rudimentares de propriedade privada e com um meio econômico apenas parcialmente competitivo, e sem interesses sociais ou econômicos adequadamente estruturados ou sem partidos políticos para representá-los, as conseqüências foram a emergência do que muitos russos chamaram de “democracia da nomenclatura” e “capitalismo de nomenclatura” (BOURTIN, 1994). A nova classe dominante russa - um amálgama das antigas e novas elites - permanece a principal beneficiária da redistribuição das propriedades estatais. Esta nova oligarquia inclui as novas elites “democratas” ao centro, novas e poderosas elites regionais e novos especialistas em comércio e finanças, assim como segmentos importantes das elites estatais, administrativas e do antigo partido.

A nova ordem social na Rússia pode ser melhor compreendida em termos de um pluralismo de grupos corporativos de interesse e de um capitalismo burocrático com elementos criminais muito importantes. Politicamente, não se trata de uma democracia pluralista, já que não existem ainda instituições democráticas estáveis, e os interesses locais básicos e os grupos sociais não estão nem agregados nem adequadamente representados por partidos ou outras instituições políticas. Economicamente não se trata de um capitalismo de livre mercado, já que hoje, o objetivo dos principais grupos de interesses corporativos não é fruto de competição e da propriedade privada real, mas de uma posse mista semi-estatal e semi-corporativa com garantias dadas pelo orçamento do Estado.

Enquanto não há consenso dentro da nova classe dirigente, até o momento não surgiu nenhuma força dominante que possa prevalecer e trazer outra redistribuição de poder e propriedade. O pluralismo das elites e interesses emergentes também serve como um forte antídoto contra várias tendências e tentações autoritárias já exibidas tanto por Yeltsin e seu círculo próximo, quanto por algumas forças da oposição. Em última análise, e paradoxalmente, a Rússia atual pode não estar bem preparada nem para a democracia nem para a ditadura.

Embora personalidades, e não programas e idéias, continuem a motivar o eleitorado durante o período eleitoral futuro, o problema mais fundamental que a Rússia enfrenta hoje é apenas em parte um problema de personalidades. O aspecto peculiar da realidade política russa é que as tensões que estão no poder e a multifacetada oposição não são tanto ideológicas e programáticas, mas sim pragmáticas. Os interesses estão claros: é uma disputa para decidir quem continuará a redistribuir a propriedade do Estado e no interesse de quem isso acontecerá. Conseqüentemente, a luta hoje pelo poder na Rússia não é tanto uma disputa sobre idéias e princípios, mas sobre o poder em si e seus dividendos. Cada vez mais a luta pelo poder tem se tornado auto-suficiente e separada dos interesses populares.

Outros elementos têm ainda minado a estabilidade. Várias forças políticas e competidores desafiaram o Acordo Civil de maio de 1994, de forma que este mal sobreviveu no decorrer do outono de 1994. As disputas trabalhistas (a greve dos mineiros como o melhor exemplo) aumentaram desde aquele momento. E, é claro, a guerra na Chechenia polarizou fortemente as elites políticas e a população em geral.

### **Cansaço e desconfiança**

O público russo hoje parece quase tão passivo, indiferente e desinteressado de todas as coisas políticas quanto estava no período que os russos chamam de “primeira” estagnação da era Brezhnev. No entanto, há diferenças significativas nas origens da apatia dos anos 70 e dos anos 90. Enquanto que em democracias há muito estabelecidas a indiferença política do público pode traduzir uma satisfação geral com o status quo, hoje na Rússia, ao contrário, ela reflete a descrença popular e a desconfiança.

Um dos aspectos mais marcantes e persistentes das atitudes públicas da Rússia contemporânea é sua tendência crítica e emocional negativa. Uma grande maioria dos entrevistados russos revela medo por sua segurança familiar e pessoal (89%), cansaço e indiferença (84%), humilhação devido à pobreza (79%), agressividade (77%), um sentido de ressentimento e privação social (71%), desapontamento (70%) e confusão (69%). Estes sentimentos negativos cresceram recentemente no público russo, enquanto que sentimentos mais positivos declinaram, com baixos números de cidadãos exprimindo esperança (58%), orgulho pela nação (49%) e um sentido de responsabilidade pelo que está ocorrendo no país (38%). Este prisma essencialmente negativo e crítico, através do qual muitos russos vêem sua sociedade e seu sistema político, tornou-se uma constante na opinião russa durante os primeiros anos pós-soviéticos.

No final de 1994, a maioria dos russos acreditava que o país estava movendo-se para a direção errada, e estava claramente insatisfeita com o desenvolvimento da democracia, ou com o grau em que os direitos humanos eram respeitados. Comparados com o final de 1993, os sentimentos negativos cresceram em ambas as áreas. Os russos também tornaram-se mais pessimistas na avaliação do futuro tanto da sociedade quanto de si próprios<sup>1</sup>.

**Tabela 1**  
**Atitudes -1993 e 1994**

Temas	Categorias de resposta	Respostas %	
		Novembro de 1993	Novembro de 1994
(1) o país esta caminhando na	direção certa	31	16
	direção errada	46	68
(2) satisfação com o desenvolvimento da democracia	satisfeito	15	8
	não satisfeito	71	83
(3) respeito aos direitos humanos	respeito	22	14
	não respeito	75	83
(4) o próximo ano será	melhor	29	20
	pior	37	47
(5) a situação financeira pessoal ficou	melhor	21	13
	pior	53	56
(6) a situação financeira pessoal ficará	melhor	21	16
	pior	28	37

Fonte: ROMIR, Ltda. N= 1600 e 1000

Questões: (1) Em geral você sente que as coisas na Rússia estão caminhando para a direção certa ou errada?; (2) No global, o quanto você está satisfeito com a forma pela qual a democracia está se desenvolvendo na Rússia?; (3) Quanto respeito aos direitos humanos há hoje na Rússia? (4) Você acha que 1994 (1995) será melhor ou pior que 1993 (1992)?; (5) Comparadas aos últimos 12 meses, você acha que a situação de sua família melhorou muito, melhorou pouco, está a mesma, ficou um pouco pior ou ficou muito pior?; (6) Nos próximos 12 meses, você espera que a situação de sua família vai ficar muito melhor, um pouco melhor, será a mesma, ficará um pouco pior, ou muito pior?

Especialmente em uma sociedade como a russa, que foi submetida a muitas décadas de educação marxista-leninista, é tentador buscar explicar os níveis de pessimismo social e pessoal através de elementos puramente “materiais” da situação, tais como a queda do padrão de vida e as taxas crescentes de desemprego. Mas, de fato, parece não haver uma correlação direta entre o bem-

<sup>1</sup> Todos os dados das tabelas provêm pesquisas do ROMIR baseadas em amostras representativas da Federação Russa.

estar material, de um lado, e a satisfação com a vida, o otimismo e o pessimismo de outro. Alguns russos sentem-se muito mal porque não podem mais ter acesso às necessidades mais básicas, enquanto outros sentem-se muito melhor, tanto porque pertencem aos pequenos grupos que se adaptaram com sucesso à nova economia, quanto porque valorizam muito mais seus novos direitos e liberdades. Muitos vêem agora estes direitos e liberdades como um dado, algo do qual não desejam mais se ver privados.

De outra perspectiva, pode-se dizer que o que alguns vêem como cansaço político e desconfiança pode refletir, de fato, uma alteração cultural profunda na Rússia, uma mudança positiva do estatismo russo-soviético tradicional, que via os cidadãos individuais meramente como partes dependentes do social ou do governo como um todo, para uma espécie de “privatização humana” na qual os interesses privados e as orientações individuais têm precedência (LEVADA, 1995). Esta interpretação tem validade considerável, e teria sido vista como normal se não viesse acompanhada pelas percepções de um profundo, se não insuperável, abismo entre o Estado e o indivíduo, entre domínios público e privado.

No contexto deste abismo percebido, os russos demonstram pouco respeito ou confiança em líderes políticos ou nas principais instituições do novo sistema político. Os dados de opinião de 1995 confirmam estas atitudes. Até recentemente, os russos viam a presidência como um símbolo da nova democracia, mas a crescente desconfiança nela e em outras instituições políticas básicas poderia certamente levar muitos russos a gravitar rumo a alternativas anti-democratas, funcionando como elementos desestabilizadores da democracia em seu sistema político. Ainda mais preocupante é o alto nível de desconfiança, não apenas quanto às instituições e ao Estado, mas às da própria sociedade.

Esta tendência crítica das percepções do público por um lado, e o cansaço político e a desconfiança por outro, devem ser correlacionados. Os entrevistados das pesquisas de opinião parecem perceber as crises sistêmicas em seu país como sendo determinadas não tanto por forças objetivas, mas por forças subjetivas - ou seja, não pela complexidade sem precedentes das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais após o fim da era soviética, mas pela má vontade de indivíduos, por erros táticos e estratégicos, por uma incompetência geral e por uma corrupção e ilegalidade globais. Assim, as origens dos problemas que atormentam a Rússia hoje são atribuídos a Gorbachev (45%), Yeltsin (43%), a máfia russa (25%), o governo (18%), o mercado negro (12%), os comunistas (11%), os democratas e reformistas (10%), ou Khasbulatov, Rutskoy e o antigo parlamento (8%).

Outro aspecto importante da desilusão política geral e da perda de confiança é o profundo descrédito quanto àqueles que têm uma reputação de democratas reformistas. No final de 1994, apenas 14% dos russos consideravam positivamente os reformistas democratas, enquanto 40% os classificavam negativamente. Na percepção do público, “democratas” e “reformistas” são associados hoje à instabilidade, à corrupção e à falta de profissionalismo.

Se com o tempo tais percepções poderiam tirar o crédito da própria idéia de democracia e das reformas econômicas, ainda seria prematuro igualar as críticas aos “democratas” e “reformistas” às atitudes que são fundamentalmente anti-democratas e anti-reformas. Os russos não estão infelizes com as reformas em si, mas com as reformas específicas que foram introduzidas desde janeiro de 1992; de fato, muitos membros do público russo fariam pressão por reformas de outro tipo. Muito poucos querem voltar ao comunismo, com sua economia controlada e seu sistema burocrático, e o estado de espírito é aquele que Sestanovich (1994, p.94) caracterizou como “de preocupação, não de fanatismo”. O que o público russo parece mais querer é uma economia mista e reformas radicais no contexto regional, reformas que não são impostas do alto mas que surjam de baixo, como um resposta para necessidades locais.

**Tabela 2**  
**Níveis de confiança e desconfiança com relação às instituições russas**  
**Janeiro de 1995**

	Confiança %	Desconfiança %
<b>Instituições Estatais</b>		
(1) Exército (*)	75	19
(2) Governo local	36	57
(3) Sistema Jurídico	34	53
(4) Polícia	31	67
(5) Governo Nacional	28	61
(6) Presidência	28	65
(7) Congresso	22	62
<b>Instituições Sociais</b>		
(8) Igreja	50	23
(9) Imprensa	48	47
(10) Sindicatos	33	49

Fonte: ROMIR, Ltd. N=1600

Questões: Você confia no: (1) Exército; (2) Governo Geral; (3) Sistema Jurídico; (4) Polícia; (5) Governo Nacional; (6) Presidência; (7) Congresso; (8) Igreja; (9) Imprensa; (10) Sindicatos.

(\*) Há várias indicações de que a guerra da Chechenia e especialmente o débil desempenho militar russo diminuiriam sensivelmente a confiança no exército. Os dados de survey provariam que esta questão não pode ser avaliada.

**Tabela 3**  
**Imagens dos líderes nacionais e regionais russos**  
**1992 e 1995**

	<b>Quem melhor represente seus interesses? julho, 1992 (%)</b>	<b>Quais líderes políticos fazem um melhor trabalho? janeiro, 1995 (%)</b>
(1) Líderes da Federação Russa	23	12
(2) Líderes regionais	19	46
(3) não há diferença	38	32

Fonte: ROMIR, Ltda. N=1300 e 1600

Questões: (1) Quem melhor representa seus interesses: os líderes da Federação Russa, os líderes regionais, ou não há diferença?

(2) No global, quais líderes políticos fazem um melhor trabalho: os líderes da Federação Russa, os líderes regionais, ou não há diferença?

Além disso, os dados de opinião não apóiam uma imagem unidimensional, que por vezes é apresentada em relatos das transformações políticas atuais da Rússia, e que igualam o apoio ao presidente Yeltsin à atitudes em favor do mercado e de democracia. Ao menos em alguns casos, os motivos por detrás do apoio ao presidente e pelo apoio as reformas são diferentes. Assim, enquanto Yeltsin vence tendo apoio não apenas de democratas e de reformistas voltados ao mercado, o oposto pode ser também verdade: aqueles que criticam o presidente e sua equipe não são necessariamente anti-democratas e anti-reformistas.

Finalmente, fica claro que a desconfiança política dos russos atualmente dirige-se primeiramente a políticos e instituições políticas em Moscou, e apenas secundariamente a políticos e instituições nas várias regiões do país. Em contraste com os líderes e instituições com base em Moscou, aqueles com bases locais são vistos como “mais próximas” do povo e mais capazes de expressar suas necessidades.

As causas e efeitos deste regionalismo existente e da tendência regionalista nas atitudes russas ainda são obscuras. Por exemplo, não se pode dizer se o regionalismo reflete as genuínas percepções e atitudes públicas, ou se reflete as políticas específicas das elites regionais *vis-à-vis* o centro. No futuro, este regionalismo pode ameaçar a estabilidade política (assim como a social e a econômica) na Rússia como um “todo” centralizado. Mas, ao menos em princípio, pode também atuar para criar outro tipo de estabilidade dinâmica, baseada não numa hierarquia de poder e autoridade tradicional e verticalizada, mas baseada em uma estabilidade mais descentralizada e horizontal, algo até então desconhecido na história russa/soviética.

### **Posições favoráveis ao mercado**

Considerando a amplitude da crise econômica na Rússia hoje, não surpreende que os russos percebam os problemas econômicos como os mais graves. Num primeiro olhar, o público parece dividido entre aqueles favoráveis às soluções pró-mercado e aqueles com posições anti-mercado. Várias pesquisas de opinião nos últimos anos registraram um apoio substancial ao mercado, enquanto outros pesquisadores expressaram cautela quanto ao nível real deste apoio (DENISOVSKY, KOZYREVA; MATSKOVSKY, 1993).

Os dados de opinião sugerem que o apoio ao mercado deve ser menor e mais condicional do que o que geralmente se relata. Primeiro, o apoio normativo ao mercado está claramente em queda, passando de 32% (contra 53%) em 1993 para 22% (contra 63%) em 1995. Em segundo lugar, e ainda mais basicamente, é preciso considerar as conotações específicas que “o mercado” possui para os cidadãos russos, e como as referências ao “mercado” nas pesquisas de fato se relacionam às preferências econômicas reais. Durante os primeiros estágios da transição, “o mercado” tornou-se uma espécie de clichê que referia de forma positiva as orientações “democráticas” e “reformistas”, e neste contexto, as manifestações de sentimentos pró-mercado refletiram sentimentos mais políticos que econômicos. Durante as reformas tipo terapia de choque no início de 1992 e as dificuldades econômicas que se seguiram para a maioria dos russos, o termo “mercado” continuou um clichê, mas agora com conotações negativas, dado que os cidadãos culpavam “o mercado” por todas as suas desventuras econômicas, mesmo aquelas não criadas pelas próprias reformas de mercado.

As atitudes econômicas reais dos russos atualmente não refletem rivalidades ideológicas entre doutrinas opostas, como monetarismo versus intervencionismo. Muito poucos estão a favor dos extremos, seja o “mercado livre selvagem” ou o “rígido planejamento central”. Ao contrário, conforme Terry (1993) confirmou, a maioria apóia algum tipo de economia mista associados à Nova Política Econômica (NEP) da União Soviética dos anos 20. Enquanto os cidadãos criticam “o mercado”, eles acreditam ser impossível e indesejável retornar ao planejamento central e à economia controlada. A maioria apóia alguma combinação do mercado (que deveria criar a inovação econômica) com o intervencionismo (que deveria trazer as tradicionais garantias sociais).

Já que 80% dos entrevistados acreditam que o governo deve continuar a fornecer estas garantias sociais, os líderes políticos devem levar esta atitude em conta ao desenhar o curso e a velocidade da reforma. Além disso, os russos continuam a manifestar seu tradicional igualitarismo e a se opor à polarização social resultante de uma aguda diferenciação de renda e do surgimento dos “novos ricos” e dos “novos pobres”. O público está quase que igualmente dividido entre

aqueles que concordam (42%) e aqueles que discordam (45%) que o governo controle os lucros dos grandes negócios, de modo que ninguém ganhe “dinheiro demais”. Outra resposta que se liga a preferências econômicas específicas opostas a afirmações puramente normativas mede as opiniões dos cidadãos sobre a posse. Aqui, a maioria dos russos continua a acreditar que o governo deve possuir a grande indústria e que é adequado a cidadãos privados possuir principalmente pequenos negócios locais, como lojas ou restaurantes.

Ao avaliar as reformas econômicas reais e as maneiras como elas deveriam ser alteradas, a maioria dos russos é similarmente ambivalente. Não apenas eles rejeitam categoricamente o aspecto de “choque” das reformas “terapêuticas” como responsável pela miséria e desespero; eles também acusam os próprios “reformistas” de abusos, corrupção e de seguirem políticas de “rentabilidade” em nome da “privatização”. Ao mesmo tempo, cerca de 30% dos entrevistados acreditam que a reforma econômica deve ser seguida mais radicalmente e mais rapidamente, uma opinião que certamente contradiz a imagem circulante em algumas áreas de resistência popular sólida a estas reformas.

Apesar dessas preferências contrárias quanto a velocidade da reforma, permanece claro que o público russo tem uma série de crenças em comum: a estabilidade é desejável, que o sofrimento e a corrupção associados até então com as reformas econômicas devem ser reduzidos e que não pode haver uma volta ao antigo *status quo*.

Ao contrário, números significativos de russos esperam por reformas de mercado de certo modo mais radicais, reformas que venham de baixo para cima e mais voltadas para o social. Entre estes entrevistados existem aqueles que acreditam que ainda não ocorreram reformas econômicas reais na Rússia (29%). que não houve um movimento em direção a uma verdadeira economia de mercado em oposição a um “capitalismo de nomenclatura”.

**Tabela 4**  
**Apoio à propriedade estatal, de empresários, e indivíduos na Rússia**  
**Janeiro 1995**

<b>Tipo de propriedade</b>	<b>Governo (%)</b>	<b>Empresários (%)</b>	<b>Indivíduos (%)</b>
Grande indústria	63	24	8
Negócios locais (lojas restaurantes)	23	13	57
Antigos Kolkozoes e Sovkozoes	25	47	23

Fonte: ROMIR, Ltda.

Questão: Organizações podem ser propriedade do governo, empresários ou indivíduos? Para cada tipo de organização, diga se, na sua opinião, a propriedade deveria ser do governo, dos empresários ou dos indivíduos.

## Rumo a novas eleições

Os membros de quase todas as forças políticas na Rússia hoje consideram o próximo parlamento e as próximas eleições presidenciais como uma motivação e um objetivo maiores. Desde pelo menos o início de 1994 manifestam-se tentativas de revisar a programação das eleições. Desde o início da guerra da Chechenia, vários líderes - incluindo o nacionalista Zhirinovsky, o comunista Zyuganov e o líder da oposição democrática Gaidar - exigiram uma reeleição presidencial antecipada, e o chefe da Câmara Superior do Parlamento, Vladimir Shumeiko, propôs prorrogar os plenos poderes tanto do presidente quanto do parlamento.

Esta proposta não foi apoiada nem pela população como um todo nem pela maioria dos partidos políticos. Além disso, as pesquisas de opinião demonstram sem ambigüidades que o público não está preparado para aceitar a prorrogação dos mandatos de governantes já desacreditados. Apenas 17% dos entrevistados russos concordam que seria melhor não haver eleições nos próximos anos, enquanto 28% acreditam que as eleições aconteceriam de acordo com a Constituição e 43% dizem que aqueles no poder deveriam ser reeleitos o mais cedo possível. A oposição foi tão forte que Yeltsin em seu discurso presidencial de 1995 foi forçado a confirmar que o calendário eleitoral constitucional seria observado.

No entanto, o que realmente acontecerá ainda será conhecido, já que uma variedade de forças empurra para uma direção diferente. Em primeiro lugar, no início de 1995, a popularidade de Yeltsin esteve no seu grau mais baixo durante sua presidência, e este declínio talvez seja irreversível. Assim, se ele vai manter ou não as eleições presidenciais no verão de 1996 será uma decisão pessoal dolorosa para ele. Além disso, o círculo íntimo poderoso de Yeltsin e sua clientela podem temer o resultado destas eleições ainda mais que ele, porque sua queda seria desastrosa para seus interesses no round atual dramático de redistribuição de propriedade estatal. Neste contexto, alguns militantes políticos já espalharam o rumor de que a guerra na Chechenia foi realmente motivada por uma tentativa de criar uma atmosfera que levasse à introdução de uma ditadura pessoal ou corporativa.

O impacto desta guerra na política russa e nas eleições vindouras ainda não foi totalmente compreendido. A guerra pode, de fato, se mostrar devastadora para a popularidade de Yeltsin e para suas chances de reeleição.

Ao mesmo tempo, é certamente cedo demais para fazer previsões eleitorais, especialmente devido à especial e virtualmente única posição de Yeltsin entre os líderes russos. Mesmo com sua dramática queda de popularidade, Yeltsin ainda encabeça a lista de candidatos presidenciais. Ele permanece um ponto de referência especial na política russa, e mesmo seus oponentes políticos são julgados através do prisma de sua personalidade carismática. Em outras palavras, os russos os vêem não tanto como candidatos alternativos mas apenas como seus oponentes. Os dados do ROMIR demonstram que, supondo que Yeltsin não concorresse à presidência, o apoio a todos os outros candidatos cairia dramaticamente. Esta pode ser mais uma indicação da desconfiança nos políticos e do abismo entre eles e o público russo, e ainda pode mostrar uma razão para a popularidade de Yeltsin. Com a cruzada contra o sistema soviético no final dos anos 80, Yeltsin adquiriu a inconfundível imagem de um “radical”. Após ter se tornado presidente, ele perdeu um pouco desta imagem, mas o público continua a vê-lo como mais radical do que a maioria dos russos comuns.

**Tabela 5**  
**Grau de confiança no Presidente Boris Yeltsin**  
**Fevereiro, 1995**

	<b>Categorias</b>	<b>Respostas (%)</b>
(1) Confiança em Yeltsin	muito grande	1
	relativamente grande	17
	pouca	37
	nenhuma	42
(2) Confiança em Yeltsin como resultado do que ocorre na Chechenia	aumentou	2
	diminuiu	52
	não mudou	43
(3) Concorda com a chamada à renúncia de Yeltsin	sim	56
	não	30

Fonte: ROMIR, Ltda.

Questões: (1) Quanta confiança você tem no Presidente Yeltsin: muito grande, relativamente grande, pouca ou nenhuma?

(2) Como resultado do que vem ocorrendo na Chechenia, sua confiança em Yeltsin aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?

(3) Alguns parlamentares russos têm pedido a renúncia de Yeltsin. Você é a favor ou contra?

**Tabela 6**  
**Intenções de voto para presidente**  
**1994 e 1995**

Candidatos	Intenções de voto (out, 1994)	Intenções de voto, se Yeltsin não concorrer (fev. 1995)
Yeltsin	14	-
Rutskoy	7	2
Yavlinsky	5	2
Zhirinovskiy	4	2
Zyuganov	4	2
Gaidar	2	1
Chernomyrdin	2	0,3
Nenhum, não votaria, não sabe, não respondeu	45	72

Fonte: ROMIR, Ltda.

Questões: (1) Se as eleições presidenciais fossem no próximo mês, em quem você votaria?

(2) Em quem você votaria se Yeltsin não concorrer nas próximas eleições presidenciais?

(3) Se as eleições presidenciais extraordinárias ocorressem hoje, em que líder político você votaria?

Perante esta imagem de Yeltsin, a auto-identificação pessoal e ideológica dos russos permaneceu notadamente estável e claramente centrista. A maioria das pessoas continua a ver a si mesma como centrista e não consegue se identificar com extremos políticos.

Esta tendência em direção ao centrismo tem implicações importantes. Enquanto o centro político permanece praticamente vago em 1995, poder-se-ia esperar que, especialmente no clima de cansaço político que os dados da pesquisa mostram para os russos, o centro poderia fornecer uma orientação recompensadora para candidatos e eleições, conforme as eleições se aproximam. Uma confirmação específica deste apelo centrista aparece nas várias tentativas de revitalizar as idéias e movimentos social-democratas, embora estas tentativas não tenham até agora obtido sucesso.

No mesmo contexto poder-se-ia ver a recente iniciativa de Yeltsin de criar dois blocos eleitorais centristas (a centro-esquerda e a centro-direita) liderados por Victor Chernomyrdin e Ivan Rybkin e ambos representando duas alas do “partido no poder”. Se esta iniciativa tiver sucesso ela pode trazer obstáculos adicionais para a emergência de um real sistema multipartidário na Rússia.

Conforme se aproximam as próximas eleições, haverá contínuos problemas para o ainda embrionário sistema democrático. A sociedade pós-totalitária russa permanece desestruturada, sem uma cristalização de partidos políticos efetivos ou de grupos de interesses sociais e econômicos. De fato, ainda não existe um sistema multipartidário desenvolvido. Os resultados eleitorais de dezembro de 1993 tornam os efeitos destas dificuldades dolorosamente evidentes, e os resultados das próximas eleições podem fazer o mesmo.

**Tabela 7**  
**Classificação pessoal e para Boris Yeltsin do radicalismo e conservadorismo**  
**1992 e 1995**

<b>Escalas de Radicalismo e Conservadorismo</b>	<b>Respostas Julho 1992 (%)</b>	<b>Respostas Janeiro 1995 (%)</b>
Auto-classificação na escala:		
1 (extremamente radical)	3	3
2	8	5
3	18	10
4	33	33
5	9	10
6	4	5
7 (extremamente conservador)	2	6
Classificação de Boris Yeltsin na escala:		
1 (extremamente radical)	11	8
2	21	10
3	20	10
4	10	14
5	5	4
6	2	6
7 (extremamente conservador)	2	6

Fonte: ROMIR, Ltda. N=1300 e 1600.

Questões: (1) Como você se auto-classificaria numa escala de 1 (extremamente radical) a 7 (extremamente conservador)?

(2) Como você classificaria Boris Yeltsin numa escala de 1 (extremamente radical) a 7 (extremamente conservador)?

Atualmente, a desilusão com o sistema partidário ajuda a explicar a queda significativa (de 48% em 1992 para 34% em 1994) nos números daqueles que acreditam que a competição partidária vai fortalecer o sistema político russo. Os russos não demonstram identificações partidárias estáveis. Mais de 40% dos entrevistados pelas pesquisas do ROMIR não manifestam apoio a partidos políticos, enquanto os principais partidos representados no parlamento podem apanhar apenas um apoio muito limitado: 13% para a Escolha Democrática Russa (Democratic Choice of Rússia - Rússia's Choice), 12% para o Partido Comunista da Federação Russa (Communist Party of the Russian Federation), 10% para o YABLOKO, 7% para o Partido Liberal-Democrata da Rússia (Liberal-Democratic Party of Russia), 6% para o Mulheres da Rússia e 2% para o Partido do Trabalho e Unidade Russos.

O cruzamento de parte dos dados revela indicações quanto aos aspectos demográficos da identificação partidária. Educação e idade são, como sempre, os fatores fortes para determinar o voto pró-reforma (o voto para a Escolha Democrática Russa e o do YABLOKO). Os comunistas têm mais força entre os aposentados e pessoas com menor nível educacional. Outro partido de oposição - o Partido Agrário - permanece corporativo, com forte apoio das pessoas ligadas à agricultura. O partido de Zhirinovsky também coletou maior apoio nas áreas rurais do que se esperaria a partir das pesquisas realizadas logo depois das eleições de dezembro de 1993. Finalmente, a análise dos dados segundo o grupo social sugere que o absenteísmo eleitoral pode ser especialmente maior entre alguns grupos: pessoas dos negócios privados, os desempregados e os que trabalham na agricultura.

Quando as eleições parlamentares chegarem, o baixo nível de identificação partidária pode levar a formas de participação política desestruturadas e espontâneas, assim como a resultados eleitorais imprevisíveis. Ao mesmo tempo, mesmos os níveis mais fracos de identificação com os partidos não representados no parlamento podem trazer inesperadas vitórias de forças políticas marginais.

Os dados das pesquisas também explicitam as questões sobre o autoritarismo na Rússia. Realmente, os apelos ao autoritarismo significam coisas diferentes para diferentes pessoas. Para alguns, os apelos refletem tanto uma nostalgia pelo passado, ou reações conservadoras e nacionalistas contra a mudança. Alguns entrevistados vêem o autoritarismo político (do tipo representado por Augusto Pinochet Ugarte no Chile, por exemplo) como a condição para a transição russa rumo à economia de mercado. Alguns (MIGRANIAN, 1994) afirmam até que algum tipo de “autoritarismo esclarecido” é um passo intermediário necessário no movimento do totalitarismo à democracia.

O que diz o público russo desta questão? Por um lado, o público quer definitivamente por um fim ao caos e à anarquia, à corrupção e à ilegalidade, e isso pode ser interpretado como uma tendência ao autoritarismo. Alguns dados são notáveis a este respeito: 80% concordam que os russos precisam de uma liderança forte mais do que de democracia, e 87% acreditam que é melhor viver em uma sociedade de ordem do que permitir às pessoas tanta liberdade que elas comecem a se tornar desordeiras. Tais dados podem levar facilmente a concluir que ainda há algum apoio ao autoritarismo na Rússia hoje.

Ao mesmo tempo, entretanto, há razão também para acreditar que a “mão forte” que os russos defendem difere substancialmente de uma defesa do autoritarismo e da ditadura. Para muitos, a imagem da “mão forte” evoca um bom administrador com autoridade suficiente para colocar a casa em ordem (KLIAMKIN, 1993). Em termos de atitudes russas, isso não significa aceitar que o autoritarismo político avance sobre as reformas de mercado. De fato, o exato oposto é verdadeiro:

os russos prefeririam ter alguma regulação autoritária da economia para proteger as garantias sociais e os direitos individuais contra a ilegalidade e a anarquia. Apelar pela lei e ordem pode também ser reflexo da rejeição à corrupção do novo sistema e seu envolvimento com o crime organizado. Se assim for, esses apelos não contêm uma mensagem anti-democrática, como geralmente se supõe mas, pelo contrário, revelam o significado oposto.

## **Conclusão**

Dessa forma, os dados recentes não confirmam os argumentos anti-reforma, anti-democracia, autoritários e nacionalistas entre os cidadãos russos, que muitos comentadores descreveram como enraizados nos supostos instintos conservadores ou igualitários do povo russo. Economicamente, o público não favorece os extremos nem do monetarismo nem do intervencionismo; pelo contrário, ele apóia o ideal de uma economia mista e a preservação de garantias sociais. Politicamente, a ampla desconfiança quanto aos “democratas” não se traduz em apoio à ditadura de qualquer tipo. Os russos almejam a restauração da lei e da ordem em seu país, mas ainda querem preservar “o melhor de cada mundo”, conquistando liberdades individuais sem sacrificar as garantias sociais.

No quadro geral, os russos permanecem centristas. Mas o centro político do país ainda está vago, ocupado por partidos políticos e forças sem significância. As identificações políticas são fracas e falta ainda criar um sistema multipartidário.

Embora ainda seja cedo para fazer previsões a respeito das próximas eleições presidenciais e parlamentares, há razão para esperar um baixo grau de atividade eleitoral e um considerável absenteísmo eleitoral. Os russos se sentem alienados do establishment “velho” (comunista) e “novo” (democrático), de forma que os candidatos com plataformas anti-establishment e aqueles ainda não maculados pelo poder podem ter melhores chances nas eleições do que aqueles da nova nomenclatura. A popularidade de Yeltsin é notadamente baixa, mas ele continua a ter um papel especial como uma figura de referência peculiar da política russa. Nas eleições futuras, os candidatos vencedores terão que levar em consideração estas várias dimensões da cena eleitoral, e, ao compreendê-las, terão que levar mais em consideração os achados das pesquisas de opinião.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURTIN, Y. Nomenclature property yesterday and today. *Moscow News*, v. 35, Moscou, 1994.

DENISOVSKY, G.; KOZYREVA, G.; MATSKOVSKY, M. Twelve percent of hope: economic consciousness and a market economy. In: MILLER, A. H.; REISINGER, W. M.; HESLI, V. L. (ed.). *Public and opinion and regime change: the new politics of post-soviet societies*. Boulder: Westview Press, 1993.

DUCH, R. M. Tolerating economic reform: popular support for transition to a free market in the former soviet union. *American political science review*, v. 87, p. 590-608, 1993.

GIBSON, J.; DUCH, R. Emerging democratic values in soviet political culture. In: MILLER, A. H.; REISINGER, W. M.; HESLI, V. L. (ed.). *Public opinion and regime change: the new politics of post-soviet societies*. Boulder: Westview Press, 1993.

HAHN, J. Continuity and change in russian political culture. *British Journal of Political Science*, v. 21, p. 393-421, 1991.

KLIAMKIN, I. What kind of authoritarian regime is possible today in Russia?. *Polis*, v. 5, p. 50-54, Moscow, 1993.

LEVADA, Y. Today we think more of our families than of the state. *Segodnia*, Moscow, 24 January 1995.

McFAUL, M. Understanding Russia's 1993 parliament elections. *Polis*, v. 5, Moscow, 1994.

MICRANIAN, A. Authoritarian regime in Russia. *Nezavisimaya Gaseta*, Moscow, 4 November 1993.

O'DONNELL, G.; SCHMITTER, P. *Transitions from authoritarian rule: tentative conclusions*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1968.

SESTANOVICH, S. Russia turns the corner. *Foreign Affairs*, v. 1, 1994.

SHEINTS, V. Political interlude. *Nezavisimaya Gaseta*, Moscow, 13 July 1994.

SHETVOSKA, L. Russia's post-communist politics: revolution or continuity. In: LAPIDUS, G. (ed.). *The new Russia: troubled transformation*. Boulder: Westview Press, 1995.

TERRY, S. Thinking about post-communist transitions: how different are they?. *Slavic review*, v. 2, p. 333-337, 1993.

WHITEFIELD, S.; EVANS, G. The russian election of 1993: public opinion and the transition experience. *Post-Soviet Affairs*, v. 10, p. 38-60, 1994.

*Tradução do original em inglês Cristina Meneguello.*

*Artigo originalmente publicado no International Social Science Journal, 146, december 1995*

*Tradução e publicação autorizadas pela UNESCO/Blackwell Publishers.*